

ESTUDOS SOBRE A LITERATURA

J. M. Pereira da Silva

A Literatura é sempre a expressão da civilização; ambas caminham em paralelo: a civilização consistindo no desenvolvimento da sociedade, e do indivíduo, fatos necessariamente unidos e reproduzindo-se ao mesmo tempo, não pode deixar de ser guiada pelos esforços das letras; uma não se pode desenvolver sem a outra, ambas se erguem e caem ao mesmo tempo. Quanto mais se espalha o gosto e a independência da Literatura em uma nação, tanto mais ela floresce e medra¹. Verdade da experiência é que a cultura do espírito influi muito sobre nossas qualidades, e que a prática das virtudes morais necessárias às sociedades mais ou menos resistência encontra em um povo, segundo o grau de sua ilustração. Uma deliciosa e terna lembrança deixa após de si o povo, que coloca sua principal glória em reinar sobre os espíritos pelas letras: os bárbaros do Norte², precipitando-se sobre as formosas terras meridionais da Europa, são sobrecarregados de maldições pelo gênero humano, enquanto que a pátria de Homero³, Sócrates⁴ e Apeles⁵ se conserva pura, intacta e brilhante na nossa memória, que apenas aprendendo os primeiros elementos da leitura, nos entusiasmos por esse pequeno povo, que primeiro abriu o caminho da civilização.

Depois de ter recebido milhões de modificações pelos escritores, que disputavam sobre sua significação, a Literatura é hoje a reunião de tudo o que a imaginação exprime pela linguagem, abraçando todo o império em que exerce a inteligência humana seu poderio; é o resumo dos hábitos e grandeza dos povos, e a história progressiva e circunstanciada do espírito humano com as suas

superstições, crenças, e caráter próprio; é a apreciação da influência dos elementos uns sobre os outros no espírito das diferentes épocas, é a Filosofia, a História, a Eloquência⁶ e a Poesia.

Sem dúvida alguma, o entusiasmo é o criador do que existe de nobre e belo; é por ele que muitas santas revoluções políticas têm sido causadas, já extasiando nossos corações, acordando nossa coragem, com a leitura de um eloquente discurso, já inflamando nossos sentimentos e paixões com um fogo elétrico, que se comunica de uma representação teatral a nossas almas, já pelos cantos de um bardo, que a seu grado vibra nossas fibras, e as agita. Estes exemplos históricos têm sido tantas vezes repetidos, que não necessitamos particularizá-los.

Sendo a igualdade política o princípio de toda a constituição filosófica, o governo, que reúne em torno de si e chama aos empregos os homens de talento, anima a nacionalidade, faz prosperar a Moral, e as letras; porque o gênio nada mais sendo que o bom senso aplicado aos fundos da razão e, esforçando-se em estudar e aperfeiçoar-se, faz com que se aprofunde a arte de mover os homens, os segredos da virtude, do belo ideal e do mundo moral.

Em oposição aos súditos dos governos despóticos condenados a esconder suas virtudes, os homens em um governo livre, forçados a ocultar seus vícios, dando-se ao estudo das Letras, elevam seus caracteres, e os fortificam contra a sedução das paixões, que os dirigem por mil diferentes caminhos, como os ventos contrários em um mar agitado.

Da mesma sorte que as formas de um governo de nada valem, se não são a expressão dos costumes, persuasões, e crenças de uma nação, assim também o literato que não serve de intérprete, que não se introduz

nas superstições e pensamentos secretos do povo, que ele deseja dissecar com seu escarpelo, é um anacronismo⁷, e estabelece-se em posição estranha de tal modo que os vindouros⁸ dele não podem colher lições; sem dúvida o pensamento do homem de gênio se lança no espaço com mais ligeireza, e atravessa-o mais velozmente, que as ações as mais prontas dos seus contemporâneos, como a luz precedendo o trovão, porém é de alguma sorte por eles impelido e modificado, seguindo a marcha por eles traçada.

À nossa tarefa não pertence analisar cada escritor em particular, mas sim seguir a marcha da Literatura antiga e moderna, debaixo do ponto de vista das suas relações com as formas do governo, com a Religião, a civilização, os costumes das nações. Encaramos a questão de uma maneira elevada, sem citar os nomes dos diferentes gênios que têm aparecido no quadro do mundo, importando-nos tão somente a influência que um ou outros operavam sobre as fases das letras.

O Brasil conta hoje bastantes literatos profundos, porém eles têm-se tão somente contentado, (com algumas exceções) em estudar e saber, e não se têm querido dignar escrever, e destarte esforçar-se em elevar à sua verdadeira essência esta ciência, alias tão útil e proveitosa a todas as classes da sociedade, e que de algum modo está desprezada na nossa Pátria, não percebendo nossos compatriotas a influência que ela tem sobre a política, ciência do dia, a que hoje no Brasil todo o mundo se dá, sem se importar se o país por isso sofre.

Literatura, Hebraica e Egípcia

Parecem ser as literaturas hebraica e egípcia as mais antigas do mundo; porém poucas noções nos chegaram sobre elas. Existem todas as probabilidades para pensarmos que a maior ignorância possuía o povo, contente com as suas superstições e as suas imagens. Os sacerdotes, que dirigiam o governo das nações, eram homens sábios, dotados de altos talentos, mas a sua ciência não comunicavam ao povo, com medo de perder a influência que sobre ele tinham. São eles os inventores do alfabeto, e parecem terem cultivado a Geometria, a Astronomia e a Medicina, com alguns dados. O único monumento hebraico que nos legou a antiguidade é a Bíblia, obra admirável de ciências, de moral, e de poesia, que prova com toda a evidência que somente homens sublimes a poderiam ter composto, tais como Moisés⁹, Davi¹⁰, Salomão¹¹, Samuel¹², Jó¹³, Tobias¹⁴, Jeremias¹⁵, etc. A poesia é bela e o mundo tem sabido apreciar esta magnífica e eviterna obra.

A China segue a mesma marcha, e por isso nada há de novo a dizer sobre sua Literatura, exceto que, talvez, a Filosofia chegou a maior grau de ciência, pelos trabalhos de Confúcio¹⁶, que a reformou inteiramente.

Entre os Sâncritos os Brâmanes¹⁷ gozavam de grande reputação, se acreditamos Eusébio¹⁸ no livro 3º da sua obra, que nos fala também de um historiador e filósofo da Fenícia, em cujas doutrinas bebera Epicuro¹⁹ as ideias da formação do mundo, pelo concurso fortuito dos átomos.

A ordem dos Magos, que da Bactriana²⁰ passaram à Pérsia, também consta terem sido homens instruídos e de bastante monta. A esta ordem pertence Zoroastro²¹.

Porém, toda a literatura que precedera à grega constava na Filosofia, que era antes uma ciência astronômica, ou astrológica, donde os

gregos tiravam suas primeiras noções; e na História, exposta em hinos, em salmos, e outras formas de poesia; não passando de ciência particular reservada tão somente aos sacerdotes dos Deuses.

Literatura Grega e Romana

Os Celtas²², raça mãe da maior parte das nações, foram os primeiros habitantes das deliciosas terras, que demoram entre a ponta meridional da Itália e as costas da antiga Ásia menor, formando uma península, chamada Grécia. Os mercantes fenícios, os supersticiosos egípcios e os lícios²³ escravos também enviaram a este país o fluxo e o refluxo de suas colônias. De tais elementos heterogêneos nasceu a geração dos pelasgos²⁴, homens enérgicos e empreendedores. Esta foi a primeira nação da antiguidade, que abriu aulas públicas, onde se ensinaram as ciências, e as letras, não querendo concentrar os tesouros científicos em uma classe de membros prediletos, como as antepassadas nações, para fazerem deles um mistério comercial, de que tirassem proveito para com o vulgo. Aquecidos pelo sol ardente, que a prumo vibra seus raios sobre o país, embalados no seio das superstições e dos mitos, amamentados pelo mel do afamado Himeto, acobertados por um céu puro e sereno, formando a terra que habitavam um templo magnífico e selvagem, abrigados sob as copadas árvores às ribas²⁵ de frescas torrentes, rodeados de formosas ilhas, que banha o Mediterrâneo, afigurando²⁶ pela sua alvura²⁷ aos viajantes que de longe as descortinam²⁸ vasos de mármore branco, matizados²⁹ de verdura, sentindo o suave murmúrio das folhas dos velhos carvalhos do Hélicon e do Parnaso³⁰, os pelasgos criaram uma literatura mística e sagrada, que é a filosofia ordinária da infância dos povos, primeira centelha³¹ da vida, que dá comumente³² sua inteligência. Mistérios compostos e compilados pelos homens de superiores conhecimentos, acreditados pela imaginação patriótica de um povo entusiasta³³, coloridos pelo gênio de seus poetas, santificados pelos que

governavam, formam uma religião alegórica³⁴, e rica. De alto sobre as cousas da vida passam os homens dotados de imaginação brilhante e variada, e tomam por verdadeiro, o que ao sopro do mais pequeno exame se desmantibularia; os povos de países quentes adoram o que constituem o ideal, aprazem-se somente com as crenças, aprofundá-las está fora da sua esfera, e por isso as ciências positivas, que demandam meditação, fazem mais progressos nos climas frios. A Grécia não fez exceção a esta regra, recebeu os enigmas que se lhe ofereceram e não se esforçou em decifrá-los. Em quase todas as nações, o ritmo harmonioso do verso antecipou o frio período da prosa, a voz melódica das paixões fez ouvir seus acentos cadenciados³⁵ antes da linguagem austera³⁶ da razão. Na Grécia também a poesia foi o primeiro ramo de Literatura cultivado; e como a sociedade sempre começa pela teocracia³⁷, a poesia dirige seu estro³⁸ a honrar as divindades pátrias; o primeiro som, que desliza a lira dos vates, é um hino religioso, que pouco a pouco torna-se patriótico. Abre a poesia as primeiras páginas da história da Grécia, concentrando em si todos os conhecimentos do tempo, servindo de legisladora a um povo inda no berço. É por meio dos Poetas, que chegaram até nós os nomes de Ólen da Lícia, Orfeu, Museu, Hércules e Teseu, inda que o véu da obscuridade em parte esconda traços de suas existências. A Poesia Grega é original, bebida nas crenças, hábitos e costumes do país, patriótica e religiosa. A grandeza, a invenção, o brilhantismo grego acham-se em Homero, famoso criador do poema épico³⁹, que de tal jeito extasia⁴⁰ seus contemporâneos, com a beldade⁴¹ de suas guerreiras pinturas, de seus desenhos fogosos, que com entusiasmo ecoam seus versos nas aulas públicas, nas ruas e praças, a bordo das barcas, sobre o cume das colinas, e nas risonhas planícies; em Píndaro⁴², poeta popular, celebrando os jogos olímpicos e a carreira dos carros; nos delirantes esboços de Safo e Anacreonte; em Ésquilo e Sófocles, que, quais escultores com motreco de mármore produzem uma estátua maravilhosa, formam com cantos ímpios e desordenados um ramo de poesia, que, percorrendo sua

órbita, arrebatada⁴³ a admiração do Universo, que, nas suas diferentes transformações de fisionomias⁴⁴, mostra o resumo histórico do espírito político das nações, os sentimentos, opiniões, e costumes dos povos, o tipo, e a expressão da nacionalidade, a Musa dramática!...

A filosofia deserta do Egito e vem aclimatizar-se⁴⁵ na Grécia; reduzia-se ela no princípio à análise dos fenômenos celestes, e os filósofos gregos continuaram sua marcha; Tales de Mileto anuncia os eclipses, Anaxágoras publica que o sol é um globo de fogo maior que a Grécia; e como com facilidade acusam as épocas de supersticiosas, as opiniões novas de impiedade, e as perseguem, Anaxágoras não pôde opor-se à fúria dos clamores gerais, e foi exilado. Assim no século XVI Galileu⁴⁶ foi obrigado a abjurar⁴⁷ suas descobertas astronômicas com o medo da inquisição⁴⁸; escandaliza-se o vulgar todas as vezes que as opiniões dos escritores diferem do espírito dominante da época, por isso também o autor da *Nova Heloísa* passou, no século que nos precedeu, por um devoto fanático⁴⁹. Entretanto teorias e contemplações errôneas⁵⁰ e improváveis, pela maior parte acobertadas com o nome de sistemas, perdiam o nobre espírito da Filosofia. Felizmente, com a aparição de Sócrates uma nova era para ela se abre, ele aclareia qual astro brilhante seu horizonte, fixa os limites da moral, une-a com ela, e a faz servir de guia às nossas ações; é ele o restaurador da ciência, é dele que emanam⁵¹ todos os princípios expostos por Platão, e mesmo por Aristóteles. Porém a par do seu século marcha o homem, nele também se introduzem os prejuízos, que entre o povo grassam⁵²; logo que as crenças as mais absurdas estão enraizadas geralmente, os escritores, por mais que apelem⁵³ às luzes da razão, não podem-se despir delas inteiramente; assim corrigiram os novos filósofos os velhos erros, mas caíram também em outros; um sofisma⁵⁴ toma o lugar do que se combateu. — “Deve-se aos antigos recorrer, diz Madame de Staël¹, por seu gosto

¹ *De la Littérature considérée dans ses rapports avec les Institutions Sociales. Tome I^{er} L.III*
Dossiê Especial - Volume I - Número 1 - Pato Branco - 2014

simples, e puro, para admirar-se sua energia e entusiasmo por tudo o que é nobre e grande, porém mister⁵⁵ é que se considere seus raciocínios em Filosofia, como o artefato do edifício, que o espírito humano devia levantar.”—

A eloquência começa na Grécia com Péricles; esta nobre filha da liberdade encontra no Areópago⁵⁶ aprovação universal, desenvolve-se com uma rapidez espantosa, eletrizando-se com o movimento das revoluções, chega ao auge da grandeza, brandida⁵⁷ pelo inimigo de Filipe, Rei de Macedônia, pelo vencedor de Ésquino, pelo patriota Demóstenes; mas encontrando nos áticos⁵⁸ corações somente frieza, enervação⁵⁹, corrupção, esquecimento dos passados tempos de glória, todos tendo-se comprometido pela nímia⁶⁰ liberdade, desaparece, semelhante ao corisco⁶¹, para por alguns instantes somente pairar na guerreira Roma, inspirando seus altivos⁶² republicanos, até que, foragida de novo pelo despotismo⁶³ dos tiranos, seja obrigada durante toda a Idade Média a ocultar-se debaixo dos santos mantos da Religião, só falando aos corações a linguagem mística de Deus.

A história na Grécia não passou de uma narração eloquente e brilhante dos fatos. Alguns autores chamam Heródoto o pai, o criador da História, porém, nós, apoiados nos argumentos de outros, julgamos que ele muito imitou aos sacerdotes do Egito; é na verdade um elegante escritor, historiador verídico e agradável, porém não o criador da ciência.

Uma das maiores glórias que à Grécia cabe é, sem contradição alguma, a perfeição das belas artes, o de ter legado à posteridade modelos tão acabados como o grupo de Laocoonte, o Apolo do Belvedere, o Partenon e o Odéon.

As guerras civis, em que se viu ingerida loucamente pela ambição dos generais de Alexandre, e a sua conquista por fim pelos romanos, estenderam seu leito de morte, e a sepultaram. Há dois mil anos que nos ferros vergonhosos da escravidão repousa, ignorante do passado; desconhecida pelos historiadores e filólogos⁶⁴, abaixando seu colo ao jugo de

todo o insolente⁶⁵ estrangeiro que a adula⁶⁶ e que cadeias lhe forja⁶⁷, ora ao turco⁶⁸, ora ao bávaro⁶⁹, sem sentimento de vida, servindo de covil⁷⁰ a corsários⁷¹ e bandidos.²

É a Grécia, porém a Grécia Morta!

Amada, inda que fria, e sempre bela Inda

que moribunda! Doce sombra Dessa

flama talvez d'etérea estirpe,

*Que brilha, mas que a plaga não inflama!*³

Extasiada fica a imaginação, quando refletimos sobre este tão pequeno povo, civilizado no meio da barbaridade da sua época, única estrela no firmamento obumbrado⁷², possuindo poucas braças⁷³ de terra, porém assaz⁷⁴ forte, assaz corajoso e bravo para pugnar⁷⁵ por sua liberdade e independência, respeitado por nações cem vezes mais poderosas, produzindo tantos gênios em tantos diferentes ramos das ciências. E mais se eleva ela ainda, quando nos lembramos que não devemos dizer Grécia⁷⁶, porém sim Atenas⁷⁷, foco e reunião de tudo o que de ilustre havia nas ciências, nas letras e nas artes, pequena cidade de 40 mil habitantes, contando entre eles a metade em escravos, e que devemos portanto à parte pô-los, calculando tão somente as pessoas livres, que sós constituem uma nação, e de que unicamente se podem esperar melhoramentos intelectuais e morais, pois

² Th. Moore, *celebre poeta inglês que, nos nossos dias, anotando Dalloway, deste modo se exprime, comparando o estado do Grécia antiga ao da moderna. — The present state of Greece, compared to the ancient, is the silent obscurity of the grave contrasted with the livid lustre of active life.*

³ Lord Byron, *no poema de Giaour :*

It is Greece, but living Greece no more,

So coldly sweet, so deadly fair!

Spark at that flame, perchance of heavenly birth,

Which gleams, but warms no more its cherish'd earth.

que o escravo nada esperando nos descobrimentos que estão a seu alcance, prefere deixá-los amortecer na poeira do esquecimento, ao prazer de dar a seus senhores mais dados de felicidade e de riqueza. O homem é muito egoísta, todas as suas faculdades⁷⁸ se concentram no interesse pessoal; faltando este, quase nada se arrisca a fazer.

O mais poderoso povo da terra, Roma⁷⁹, que, de um covil⁸⁰ de salteadores⁸¹ por um chefe bárbaro reunidos, tornou-se em pouco tempo o terror e a Senhora do Orbe inteiro, não teve literatura própria: com a conquista das nações mais civilizadas do que ela, com o acarretamento de escravos gregos arrancados à força de seus lares paternos, as letras se transplantaram com os indivíduos, e começaram a ser imperceptivelmente ensinadas. Os nobres confiam seus filhos a helênicos⁸² pedagogos, estes lhes abrem os tesouros de sua pátria, e assim a Literatura Grega abandona Grécia e se aclimatiza⁸³ em Roma, sem que a mais leve modificação a encubra. — “Os romanos foram guiados ao estudo das letras, diz Westermann⁴, por orgulho nacional, por ostentação e utilidade, que delas devia provir para o adoçamento dos costumes, enquanto que a necessidade de se divertir e de se espriar⁸⁴ foi o princípio criador da Literatura Grega.” — Uma imitação, pois, ou, para melhor nos explicarmos, a continuação das letras gregas se opera nessa orgulhosa cidade; os destruidores de Cartago⁸⁵ tomam por tipo de suas obras as produções da Ática⁸⁶.

A Eloquência em Roma toca a meta do sublime, a arena oratória lisonjeia os corações dos Romanos, que de entusiasmo ombreiam em arrancar uns aos outros a palma e o prêmio. É nos últimos tempos da República, quando o tinir das armas rebumbra em todos os cantos, quando a liberdade manifesta o verdadeiro caráter do povo, que Cícero⁸⁷ se eleva nas asas do gênio, abatendo os seus rivais com a força da palavra; com a morte do maior dos Romanos, a eloquência, à aproximação dos imperadores, foge como o cordeiro do lobo; os déspotas⁸⁸ não necessitam de oradores, para

⁴ *Geschichte der Baredtsambe in Griechenland und Rom. Vier Buch.*
Dossiê Especial - Volume I - Número 1 - Pato Branco - 2014

lhes dizer a verdade.

A Filosofia não medrou em Roma, apenas alguns romanos de elevado talento se erguem um pouco até ao conhecimento dos autores gregos, à compreensão das obras de Sócrates, Aristóteles e Zeno⁸⁹, porém ficam estacionários, não fazem marchar a ciência, e são meros representantes de antigos sistemas.

A Poesia, como todos os outros ramos da literatura, é uma imitação, nada há de original, nada de acomodado, próprio, e peculiar ao carácter romano; é verdade que mui pequenas modificações demarcam os limites dos caracteres, e os diferenciam, pois que a Religião era a mesma, e por isso de alguma sorte são desculpados. O século de Augusto⁹⁰ honrou-se com poetas dignos de emparelhar com os primeiros da Grécia, porém a glória da invenção pertence aos últimos, pois que os romanos realçaram, mas em carreira já encetada. A musa trágica nunca foi conhecida em Roma, por que o republicanismo de seus habitantes não consentia que sobre a cena se mostrassem seus grandes homens, espécie de desdouro⁹¹, que suas inteligências orgulhosas julgavam dever recair sobre todos. Nas repúblicas altivas, e nas monarquias absolutas, não é permitido que se honre, ou se avilte⁹², o que de alguma sorte constitui sua grandeza pública. Ora o Teatro é um tribunal terrível, onde os homens, cujos nomes traçam a história com caracteres imortais, devem aparecer com suas virtudes, e crimes, reveses e felicidades, para receber aglória ou o opróbrio⁹³; portanto o poeta não pode representar diante do povo fados de sua história, que só com a lembrança de ter sido seus, não quer que se lhes toque, ou diante de reis, os grandes crimes políticos, que não podiam ser cometidos senão pela vontade ou influência dos antepassados monarcas. A comédia, cuja missão é de zombar, e de criticar para moralizar, não foi mais feliz do que o drama, foi-lhe mister recorrer a vestes e nomes de nações estrangeiras, para poder pintar o ridículo dos romanos.

A história no começo em Roma segue as pisadas que na Grécia

tinha traçado; Tácito⁹⁴ julga que a pena do historiador devia marchar com a crítica, apresentando lições com os acontecimentos, arrancando do meio dos fatos induções filosóficas, não perdendo deste modo sua essência, descortinando e patenteando os destinos da humanidade, e analisando-se com um olho de águia, não dissecando o cadáver como o anatomista, mas sim revivendo-o como o fisiologista.

Um dos crimes da tirania é a degradação dos talentos; com razão se exprime B. Constant nas suas miscelâneas político-literárias, constringendo-os ao silêncio, ou à lisonja⁹⁵, por isso os homens talentosos, que, quais esparsos faróis no meio dos mares, raiam no tempo dos imperadores, não podendo usar da nobre manifestação de suas faculdades, correm a procurar um refúgio, para escaparem da adulação, no estudo da legislação civil; e tanto a aperfeiçoam, que inda hoje serve de fonte a todas as legislações modernas.

Um homem sublime levanta na Judeia⁹⁶ o estandarte de uma nova religião, que estava destinada a governar a maior parte do mundo, prega o sustento de uma lei divina, a presença de uma influência moral, a separação dos poderes espiritual e temporal, a abolição da escravidão, a verdadeira igualdade dos direitos dos homens, e em paga dos benefícios, que ao Universo trouxe sua doutrina, foi injuriado e martirizado! Este maior dos filósofos e moralistas foi Jesus Cristo; em Roma introduz-se insensivelmente sua doutrina, desamparando a terra onde as cinzas jaziam do seu divino autor, e com a política de Constantino⁹⁷ toma o lugar da antiga religião, afugentando as divindades pagãs, que sobre as risonhas ficções do politeísmo se apoiavam, qual vivificante primavera, que os gelos derrete, que jaziam pousados sobre o cume das montanhas durante o inverno.

— “Os antigos Romanos, diz Bouetterweck⁵, constituíam o princípio predominante de seus hábitos, no poder da alma sobre si mesmos.”— Enquanto que os súditos imperiais antepõem a todo o sentimento de honra o

⁵ *Der Poesie und Beredsamheit seit dem Ende des 1 Jahrhunterla Zweit Buch.*
Dossiê Especial - Volume I - Número 1 - Pato Branco - 2014

egoísmo e o interesse. Com indignação lemos nós as páginas aviltantes⁹⁸ da história romana depois de Augusto; é o tempo da baixeza de escravos, que arrastam-se, quais vermes, sob os passos dos grandes, de uma aristocracia⁹⁹ saída da poeira e das franjas da vileza¹⁰⁰ à força de adulações¹⁰¹, prestes a passar debaixo do jugo da ignomínia¹⁰², a deixar gravar sobre suas fronteiras a desonra, contanto que suas mãos recebam o prêmio de sua abjeção¹⁰³ e servilismo, como todos os dias vemos cortesãos modernos abjurando¹⁰⁴ seus corações de homens, enxovalhando-se com a poeira dos palácios, para obter a permissão de amarrar ao peito fitas e comendas, não se lembrando, que em vez de honrá-los, servem somente de provas de suas vergonhosas ações.

Idade Média

A base do Império estava solapada¹⁰⁵, uma grande convulsão no edifício inteiro pressagia¹⁰⁶ a destruição. A antiga civilização tinha-se elevado ao pináculo¹⁰⁷ de sua organização, por acessos cada vez mais terríveis precipita-se na mais completa barbaridade¹⁰⁸. O Império Romano é invadido por hordas de povos do Norte; uma geração de homens desaparece, uma nova, de diferente origem, marcha sobre a terra que cobre seus cadáveres: semelhante à inundação de um rio, arrasando o que se opõe à sua correnteza, esta multidão desordenada de homens não poupa os antigos habitantes, e a ferro, e a setas, os perseguem, como animais ferozes. Novas nações bárbaras sobre estas se despenham, como as ondas no mar, e somem-se todas, umas após outras, porque suas instituições selvagens insuficientes eram para conservar a vida dos povos⁶. Dois homens de gênio tentam levantar uma nova civilização, Maomé¹⁰⁹ no Oriente, Carlos Magno¹¹⁰ no Ocidente, fundam dois grandes Impérios, que em breve se dilaceram porque o momento de sua reorganização ainda não era chegado, porque os costumes ainda não estavam fixados. Crimes, mortes, envenenamentos

⁶ Gibbon. *History of the decline and fall of the Roman Empire — Book 36.*
Dossiê Especial - Volume I - Número 1 - Pato Branco - 2014

preenchem as páginas da história de dez séculos da vida da humanidade; ao belo dia de Roma sucedeu uma noite opaca, eclipse longo e espantoso das revoluções do espírito humano, epopeia¹¹¹ terrível e cheia de úteis lições nos destinos do mundo! Toda a proteção social cessa; os reis, e os emires lançam mão de um poder violento e temporário, senhores acidentais de uma fração do território, ao acaso circunscrita¹¹². As cidades, burgadas¹¹³; proprietários, todos se fortificam e se armam para sua própria defesa; constroem castelos rodeados de caudalosas torrentes e de pontes levadiças, onde se fecham e se ocultam aos furores¹¹⁴ dos adversários; guerra universal, vassalo contra vassalo, cidades contra cidades, paisanos contra paisanos; cada qual com sua espada quer ditar leis e reconstruir à força os elementos da sociedade. Daqui data a origem do feudalidade da Idade Média.

No meio deste caos espantoso, uma parcela de ciência foragida tinha seu esconderijo na solidão e na inação das células; os poucos homens instruídos não habitavam o mundo, moravam nos conventos, porém seus espíritos vagavam e se perdiam nos séculos passados, não se importando se de alguma utilidade podiam servir ao presente, ou pairaram no círculo de uma Filosofia, chamada Escolástica¹¹⁵, tirada das doutrinas de Aristóteles, modificada e corrigida por pequenos espíritos, de tal maneira, que não se podia nela reconhecer o toque do mestre, afigurando-se ao olho pensador um campo semeado de plantas áridas, e entrecortado de precipícios. Apenas de quando em quando as vozes da religião retiniam nos ares, como no deserto, não achando quem lhes respondesse, vibradas por um São Bernardo¹¹⁶, São Crisóstomo¹¹⁷, São Gregório¹¹⁸. Apenas aparecem um Abelardo, um Fócio, um Eusébio, um Agostinho; eram como luzes perdidas nas florestas para ensinar o caminho ao peregrino afadigado, e que o leve sopro do vento apaga logo, e destarte nunca cessa a escuridão. A ignorância debruça-se sobre os barões, que só se honravam em bater-se nas lutas e torneios, em manejar as luzentes armas, em enviar *seu cartel de desafio* aos

seus adversários, não se importando de educação, nem de instrução, pois a maior parte não sabia ler. Ao leitor deixo avaliar o estado da plebe. Felizmente para a humanidade, nos fins do século XI, o grito do eremita Pedro em Constantinopla, encontrando um eco, que, com entusiasmo, lhe respondia em toda a Europa, fez levantar essa massa de homens de todas as hierarquias, ignorantes de que iam fazer, só o brado escutando de — DEUS O QUER — fanáticos e ávidos de brilhar; as cruzadas apressavam os passos da liberdade e da civilização moderna, criando as *comuns*, e arrancando de seus férreos castelos tantos nobres feudais, para defenderem o túmulo de Jesus Cristo em Jerusalém, donde poucos voltavam. *Origem da civilização moderna e renascimento das Letras.*

Os árabes foram os primeiros povos entre os quais reluziu o crepúsculo da civilização moderna, possuindo Monarcas amadores do progresso; as letras e as artes reinaram em Damasco e em Bagdá: Abderramán¹¹⁹ sendo forçado por causa de intrigas civis a desamparar as populosas e ricas cidades da Arábia, escolhe a Espanha para seu novo Império, a ela transporta a ilustração de seu país natal, funda escolas em Sevilha¹²⁰, Granada¹²¹ e Córdoba¹²², que tornam-se em pouco tempo os focos da ciência. O industrialismo, a atividade e a inteligência árabe, unidas ao cultivo das letras e das artes, fazem da Espanha a nação a mais civilizada da Europa. Esta última recebe as impressões daquela, e assim o gosto e o renascimento das Letras se espalha na Europa.

Os poetas são os primeiros representantes da civilização moderna; correm de cidade em cidade, celebrando a guerra, os amores e a galanteria¹²³; ao som do alaúde¹²⁴ comunicam o calórico do entusiasmo aos gelados corações de seus compatriotas, inventam uma nova poesia, toda de sentimento, pintura fiel da natureza, acomodada às crenças, aos usos, e costumes da época; e, coisa admirável, à influência dos árabes devemos nós a nossa poesia, a poesia moderna, que pertence à nossa civilização, a nossas

ideias; os árabes eram pintores excelentes da natureza, cantaram as belezas de suas pátrias campinas e se elevaram ao ideal, inventando mágicas, fadas, e milhares de outras produções de seus cérebros poéticos. Os trovadores¹²⁵ e outros poetas da Europa que saíram da escola árabe modificaram e acomodaram a sua poesia à religião cristã, que eles professavam, e, portanto, começavam a compor mistérios sagrados, isto é, poematos em diálogos, onde se teciam louvores à virgem, e em que entravam como atores, anjos, arcanjos, diabos, e homens. A prova cabal¹²⁶ de que foi da influência dos árabes que teve origem a poesia que nós apelidamos Romântica, está em que somente na Espanha da Idade Média se encontra o espírito, a essência verdadeira desta poesia; os árabes foram expulsos pelos cristãos, mas os benefícios da civilização que eles tinham acarretado à Espanha, ficam. Foi esta poesia semiárabe que inspirou Dante¹²⁷, o maior gênio dos modernos, foram suas engenhosas e pomposas ficções que eletrizaram mais tarde Ariosto¹²⁸ e Tasso¹²⁹. A França, onde estavam depositados os restos da civilização do Império do Oriente com tanto cuidado arrecadados por Carlos Magno, começa sua carreira literária pela imitação dos antigos, eis a razão por que não se encontra nela Literatura própria, tendo-se todos os poetas franceses adornado com mantos Gregos, não recebendo inspirações senão das Musas do Parnaso¹³⁰.

Eis pois as duas poesias em campo, ei-las que empunham as armas e que se apresentam na arena desde o renascimento das letras até o nosso século!

De um lado uma literatura estrangeira que, como conquistadora, nos inflige regras contrárias a nossos pensamentos, que se opõem ao voo inflamado de nossos gênios, fazendo-os sacrificar sobre seus altares o frágil aroma da escravidão imitativa, marcando-lhes a estrada do Olimpo¹³¹ grego, único espaço onde se possam espriar¹³² seus pensamentos, sem que lhes seja permitido o ultrapassar os limites, que, como grades de uma prisão, se lhes apresentam.

De outro lado uma literatura nova, bela, adaptada à nossa crença, que proclama a liberdade e o progresso, que nos permite voar até a altura que pudermos, que nos quebra as prisões e nos fazem entoar o hino da Independência.

Estas duas literaturas tudo invadem, tudo atacam, atravessam os séculos, sem ceder por um instante o passo uma à outra, valentes guerreiros, bravos campeões, que a vitória não marcou inda com o dedo o predileto. A literatura grega, denominada pelos alemães clássica, foi senhora da França e da Itália até o século XIX. A moderna chamada Romântica, da Espanha arremessa-se na Inglaterra, e de lá passa à Alemanha, de onde vibrando suas armas sobre a França, ajudada pela revolução de 1789, lança-se e afugenta desta nação o classicismo, que exala seu derradeiro suspiro com o século XVIII.

A razão é clara, a Literatura, na Idade Média, estava inteiramente separada da política, porém esta última fazendo um passo de gigante, influi muito sobre a Literatura, abre a carreira social, desenvolve novas ideias, e grita pelas inovações e pelo progresso; e como poderia o Romantismo não se apresentar em lice? Unem-se, pois, e o absolutismo e o classicismo caem. A Revolução Francesa faz a volta do mundo, o Romantismo a segue, sua estrela ganha luz, ao passo que a primeira descortina teorias verdadeiramente liberais e humanas, e alumia com seu farol o globo inteiro.

Estado Presente das Letras

Depois de apresentarmos as fases das Letras na primeira época da vida dos povos, depois de haveremos viajado no meio destes grandes monumentos gregos e romanos, que tantas lições desprendem, e que o tempo não se atreve a arruiná-los, tão grande respeito lhe incutem!...

Tempos brilhantes, épocas das belezas dos sentidos, ilustradas pelos vastos anfiteatros, festas triunfais, artistas, luxo, e cantos divinos dos vates;

atravessamos os negros séculos de pranto e de crimes, e abordamos à regeneração das letras, onde por um pouco nos demoramos, como o viajante afadigado de uma enfadonha viagem, saúda com hinos de júbilo¹³³ a terra, que se apresenta nítida e brilhante, e nela pousa com gosto seus olhos desacostumados. Resta-nos agora falar sobre o presente, sobre este reino útil e inteligente do século XIX, que não possuindo nem circos, nem gladiadores, como a antiguidade, nem conventos, nem anacoretas¹³⁴, como a Idade Média, em compensação reluz com uma civilização mais completa, ilustrado com fábricas e manufaturas, que só a ele pertencem, amador e verdadeiro apreciador de todos os ramos da literatura, das artes, e das ciências, e religioso sem ser fanático.

A poesia é considerada no nosso século como o representante dos povos, como uma arte moral, que muito influi sobre a civilização, a sociabilidade e os costumes; sua importância na prática das virtudes, seus esforços a favor da liberdade e da glória lhe marcam um lugar elevado entre as artes, que honram uma nação. No começo do nosso século a poesia Romântica levantou seu estandarte vitorioso em toda a Europa; a França, e a Itália, que até então tinham-se inteiramente lançado nos braços de uma poesia imitativa, contentes quebraram o jugo de bronze, que lhes pesava; honras sejam dadas aos primeiros atletas do Romantismo nestas duas nações, a Chateaubriand¹³⁵, B. Constant¹³⁶, Mme de Staël, Lamartine¹³⁷, Victor Hugo¹³⁸, Manzoni¹³⁹, Foscolo¹⁴⁰, Pellico! Louvores também a Schiller¹⁴¹, Byron¹⁴², Walter Scott¹⁴³, Goethe,¹⁴⁴ Bulwer¹⁴⁵, Cooper¹⁴⁶, Martinez de La Rosa ¹⁴⁷e Garret¹⁴⁸, que, nas suas diferentes pátrias, constantemente gritaram pela liberdade e emancipação do Gênio! Assim, pois, hoje o horizonte da poesia moderna aparece claro e belo, as faixas e vestes estranhas, que sobre nós pesavam, caíram e já nos adornamos com o que é nosso e com o que nos pertence. No Brasil, porém, infelizmente ainda esta revolução poética se não fez completamente sentir, nossos vates renegam sua

pátria, deixam de cantar as belezas das palmeiras, as deliciosas margens do Amazonas e do Prata, as virgens florestas, as superstições e pensamentos de nossos patrícios, seus usos, costumes e religião, para saudarem os deuses do politeísmo grego, inspirarem-se de estranhas crenças, em que não acreditamos, e com que nos não importamos, e destarte não passam de meros imitadores, e repetidores de ideias e pensamentos alheios. Já no 1º número da Revista Brasiliense, em um belo ensaio sobre a nossa Literatura, proclamou o nosso amigo o senhor Magalhães¹⁴⁹ esta verdade, aconselhando aos poetas brasileiros de estudarem a história, natureza e usos do país, de seguirem suas inspirações ao passo, que elas vêm, sem se submeterem às regras incoerentes, que bebemos com o cativo de nossa Pátria. Ainda mais, ele acaba de dar o exemplo do que pode o gênio livre de cadeias. E as suas novas obras são tão superiores às primeiras, que ele havia imprimido, e a todas que possuímos de toda superioridade do gênio sobre a imitação⁷.

É mister¹⁵⁰ também que o Brasil se dispa dos preconceitos, que Portugal legou-lhe no seu descobrimento, sobre os poetas, acreditando-os homens inúteis na sociedade, e ignorando sua missão e influência. A civilização, fazendo imensos progressos em Portugal, justiça lhe seja dada, os portugueses de hoje não são os que deixaram morrer de fome Camões e Bocage¹⁵¹, que desterraram Filinto¹⁵² e Gonzaga¹⁵³, que queimaram nas fogueiras da Inquisição o poeta cômico português, Antônio José, nascido no Rio de Janeiro, autor das únicas comédias originais que existem na nossa língua, pois que todas as mais, com mui poucas exceções, ou são imitadas,

⁷ *É com o maior prazer, que vimos impressos os Suspiros Poéticos e as Saudades, do nosso patrício Magalhães; uma coleção de Odes e Cantatas, escritas segundo a inspiração, onde o patriotismo, a doçura de uma alma cândida, e a poesia se disputam à primazia; este livro é um monumento de glória erigido ao Brasil, um monumento verdadeiramente nacional e poético; ao autor compete a duplicada coroa do primeiro lírico brasileiro, e de chefe de uma nova escola. Muitos estimáveis poetas existem na nossa pátria, entre os quais nomeamos o Exmo. Sr. Vilela Barbosa, e João Gualberto. Ambos se mostram verdadeiramente vates; o primeiro nas poucas cousas que dele temos no Parnaso, e que nos deixara, depois da leitura, pesarosos de encontrarmos tão pouco, e o segundo sobretudo na sua saudade paterna. Dos mais poetas pouco ou nada temos visto, e de outros, apesar de reconhecermos muito talento, com tudo diremos de novo: servil imitação em fato de literatura, nunca deu honras a uma nação.*

ou traduzidas (com vergonha o dizemos). Ao Brasil, pois, cabe também o começar a apreciar os seus homens, lembrando-se que o poeta, para ser digno deste nome, deve ser historiador, filósofo, político e artista, e que portanto, as dificuldades que se lhe antolham¹⁵⁴, e que todas tem de vencer para ganhar um nome, merecem todo o nosso respeito e atenção.

A eloquência¹⁵⁵ tem dois ramos importantes, a religiosa, e a parlamentar. A primeira na Europa, depois de chegar ao zênite de sua glória com os Bossuets¹⁵⁶, Luteros¹⁵⁷, Hildebrandos¹⁵⁸, Massillons, Flechiers, Vieiras¹⁵⁹, tem decaído depois do século XVIII: com glória podemos dizer que no Brasil está um digno sucessor desses grandes pregadores da Igreja, um homem de gênio, e que nesta época de abatimento da tribuna religiosa, se mostra sublime e ousado; este homem é o P. M. Frei Monte Alverne¹⁶⁰. A eloquência parlamentar somente com a liberdade e a emulação se desenvolve; é por isso que o seu brilho só de quando em quando aparece, qual astro poucas vezes sua luz mostrando aos olhos curiosos. Hoje tem ela grande influência na sociedade, porque a liberdade fulgura com todo o seu esplendor; os oradores mais afamados são Lord Gray¹⁶¹, O' Connell¹⁶², Peel¹⁶³, Royer Collard¹⁶⁴, Guizot¹⁶⁵, Berryer¹⁶⁶ e Lord Althorpe¹⁶⁷.

A Filosofia marchou de um lado para outro sem destino certo; sistemas sobre sistemas se fundam, estes com Bacon¹⁶⁸ gritam pela experiência, aqueles apoiados por Hume¹⁶⁹ e Voltaire¹⁷⁰ defendem o ceticismo¹⁷¹, enquanto que Malebranche¹⁷² se extasia com Deus. Dois sistemas, o da escola escocesa¹⁷³, de Reid e Dugal Stewart, e o da escola alemã¹⁷⁴ de Kant, apresentam verdadeiras teorias, elevadas e sublimes. Kant sobre tudo é o Sócrates moderno, o fundador da nova Filosofia, e seu deus tutelar; seu sistema é a última expressão do que há de mais sublimado nos sistemas filosóficos, é o arrojo da poesia, o voo da águia na filosofia; este sistema domina a Alemanha e mais alguns estados da Europa. Dois homens em França, Royer Collard e Cousin¹⁷⁵, tentam reedificar todos os sistemas aparecidos no mundo, isto é, reunir o que há de bom em todos, recrutando

as verdades, que neles se acham, reunindo em um só, denominado Ecletismo¹⁷⁶; seus esforços têm a recompensa merecida, e a cada dia o sistema Eclético ganha terreno, e se estende nas nações. O Brasil ainda está atrasado no ensino da Filosofia, o sistema de *Condillac*¹⁷⁷ prevalece nas escolas, porém esperamos que as novas ideias, que todos os dias recebe ele da Europa, abram nova estrada à Filosofia, e façam triunfar a verdade.

A história atravessa a Idade Média, não passando de simples exposição de fatos sem critério, entretanto alguns homens embebidos das lições de Tácito, se esforçam em dar-lhe sua verdadeira essência, estes homens são Maquiavel¹⁷⁸, Montesquieu¹⁷⁹, Gibbon¹⁸⁰, Robertson e Bossuet. O nosso século considera a história de duas maneiras, ou particular, ou universal. A primeira consiste em escrever, segundo os grandes modelos, os acontecimentos, com toda a verdade, e crítica, em marcar a cada povo seu tipo peculiar, a marcha da civilização, o estado da indústria, e o avançamento e progresso das nações. A esta escola pertencem Thierry, Lingard, Sismondi¹⁸¹ e Muller, historiadores modernos. A segunda maneira de considerar a história é filosófica e ideal. Giambattista Vico¹⁸² no século passado estabelece leis universais da humanidade, eleva-se da representação à ideia, dos fenômenos à essência; atendendo ao princípio da natureza idêntica em todas as nações, forma uma história abstrata, não pertencendo a nenhuma; Herder¹⁸³ e Hegel¹⁸⁴ continuam no nosso século esta tarefa, e consideram a humanidade como marchando a um fim, isto é, à perfectibilidade, só sendo o que podia ser, e nada senão o que ela podia ser —: arrancam do seio das ruínas da antiguidade, e da Idade Média ideias gerais, princípios eternos desenvolvidos pelos séculos, todas as nações fornecendo um contingente a esses princípios e verdades filosóficas. Guizot em França é desta escola histórica da Alemanha, nele e nos outros autores da Alemanha, Niebuhr¹⁸⁵, Hegel, e Herder, depararão nossos leitores com provas, que corroborem o que acima expendemos dos princípios do sistema. O destino e missão de um país é mais bem compreendido, quando diante dos olhos se tem a carta da humanidade, quando o coração é assaz¹⁸⁶ vasto e

Dossiê Especial - Volume I - Número 1 - Pato Branco - 2014

ardente para aprofundar a ideia predominante dos séculos, destes espaçosos dramas, cujas consequências são inevitáveis, como o princípio e a marcha são necessários, arrastando epopeias ora felizes, ora desgraçadas, ora a glória, ora o opróbrio¹⁸⁷, transmitindo de época em época a herança do espírito humano, depois de as modificar, nas ideias e nos sentimentos.

Acabaremos com a citação de um verso do trágico Alemão.

*O novo vem, e o velho desaparece.*⁸

J. M. PEREIRA DA SILVA.

⁸ *Das Neue Kommt, das Alte ist verschwunden. (Schiller.)*

Texto transcrito pela acadêmica Sandra Lúcia Pilatti, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação do professor Ulisses Infante. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.

Este trabalho integra o projeto “Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal”. Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.

O texto original se encontra no exemplar do segundo volume da *Revista Nitheroy* oferecido pela coleção Brasileira, da Universidade de São Paulo, cuja ficha completa se reproduz a seguir:

Título: Nitheroy : revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 02, 1836

Título alternativo: [Niterói : revista brasiliense, ciências, letras e artes]

Local de Publicação: Paris : Dauvin et Fontaine, Libraires

Ano de Publicação: 1836

Descrição Física: p. 1 - 268

Idioma: Português

Patrocínio: Ministério da Cultura - Programa Cultura e Pensamento

Direitos: Domínio público

Assunto:

Economia

Religião

Viagens Ensaio

literário

URI: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512820>

Tipo: Periódico

Conteúdo: SUMÁRIO

0- Rapport lu a la 2^a classe de L´institut Historique, por Eugène de Monglave (p. 5 - 8)

0- Filosofia da religião, por D. J. Gonçalves de Magalhães (p. 9 - 38)

0- Física industrial: das caldeiras empregadas na fabricação de açúcar, por

por C. M. D'Azeredo Coutinho (p. 39 - 87)

- Química: da destilação, por A. de S. Lima de Itaparica (p. 88 - 130)

0- Educação industrial, por Silvestre Pinheiro-Ferreira (p. 131 - 137)

0- Novo sistema de se fabricar açúcar, por C. A. Taunay (p. 138 - 148)

0- Comércio do Brasil, por F. S. Torres Homem (p. 149 - 160)

0- Contornos de Nápoles, por M. de Araújo Porto-Alegre (p. 161 - 213)

0- Estudos sobre a literatura, por J. M. Pereira da Silva (p. 214 - 243)

0- Bibliografia (p. 244 - 268)

¹ Cresce, desenvolve, prospera.

² A expressão surgiu entre os gregos antigos, que chamavam de bárbaro qualquer estrangeiro, mas a expressão só ficou famosa mesmo por volta do século 1 a.C., quando os romanos passaram a chamar de bárbaros todos os povos nômades ou seminômades do norte da Europa que viviam além das fronteiras imperiais.

³ Homero foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual é atribuído a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

⁴ Sócrates foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga.

⁵ Apeles de Kos foi um renomado pintor da antiga Grécia.

⁶ 1. Faculdade de falar ou escrever de maneira agradável, convincente e persuasiva. 2. Capacidade de expressar - se bem.

⁷ 1. Erro de data. 2. Coisa que não está de acordo com a época.

⁸ *adj.* Que há de vir ou acontecer; futuro; que esta por vir. *sm* 1. Aquele que não é natural de uma povoação e nela se acha se novo. *sm pl* 2. Os homens do futuro; posteridade.

⁹ Moisés foi, de acordo com a bíblia hebraica e o alcorão, um líder religioso, legislador e profeta, a quem a autoria da Torá é tradicionalmente atribuída. Ele é o profeta mais importante do judaísmo, e igualmente reconhecido pelo Cristianismo e Islamismo, assim como em outras religiões.

¹⁰ Davi é reconhecido como o maior rei de Israel, descrito na Bíblia como tendo muitos "dons, como o da música, da poesia e dos salmos", que o levou a escrever o maior salmo bíblico, o Salmo 119.

¹¹ Salomão é um personagem bíblico, filho de Davi, que teria se tornado o terceiro rei de Israel, governando durante cerca de quarenta anos.

¹² Samuel foi um líder importante na História de Israel. Teria sido o último dos juízes de Israel, e o primeiro dos profetas registados na história do seu povo.

¹³ Jó é um personagem do livro mais antigo da Bíblia, isto é, o Livro de Jó do Antigo Testamento.

¹⁴ Tobias é filho de Tobite, personagem principal do livro Tobias, um dos livros históricos do Antigo Testamento. Tobias surge com o papel de curar o pai da cegueira e salvar Sara, expulsando o demônio e casando com ela.

¹⁵ Jeremias é um dos nove personagens chamados Jeremias encontrado na Bíblia Hebraica que corresponde ao Antigo Testamento nas Bíblias Cristãs.

¹⁶ Foi um pensador e filósofo chinês.

¹⁷ Membro da casta sacerdotal, a primeira do *Varṇa vyavastha*, a tradicional divisão em quatro castas da sociedade hinduísta.

¹⁸ Eusébio de Cesareia foi bispo de Cesareia e é referido como o pai da história da Igreja porque nos seus escritos estão os primeiros relatos quanto à história do Cristianismo primitivo.

¹⁹ Epicuro de Samos foi um filósofo grego do período helenístico.

²⁰ Bactria ou Bactriana é o nome de uma região histórica cuja capital era a cidade de Bactros e que se localizava ao norte do Hindu Kush e ao Sul do rio Amu Dária. A área pertence hoje em grande parte ao Afeganistão.

²¹ Zaratustra, mais conhecido na versão grega de seu nome como Zoroastro, foi um profeta nascido na Pérsia. Ele foi o fundador do Zoroastrismo.

²² Celtas é a designação dada a um conjunto de povos, organizados em múltiplas tribos e pertencentes à família linguística indo-europeia que se espalhou pela maior parte do Oeste da Europa a partir do segundo milênio a.C.

²³ Quem é natural ou habitante da Lícia, antiga região sudoeste da Ásia menor.

²⁴ Habitantes primitivos da Grécia e da Itália.

²⁵ Ribas: margem alta de um rio, ribanceira.

²⁶ Verbo afigurar: representar a forma ou a figura imaginada com determinado material; dar a impressão de, aparentar, parecer.

²⁷ Alvo é qualidade, estado ou condição do que é alvo ou branco, brancura.

²⁸ Verbo descortinar: remover, tirar ou levantar a cortina de; abrir a cortina; fazer aparecer; mostrar, revelar.

²⁹ Verbo matizar: fazer matizes em; misturar, combinar, graduar cores; cobrir (-se), tingir (-se) de diversas cores.

³⁰ Parnaso é a morada simbólica dos poetas; a poesia, conjunto dos poetas, coletânea de poesias de diversos autores.

³¹ Centelha é partícula ígnea ou luminosa que sai dum corpo em brasa; faísca, fagulha; o que brilha por um breve momento; inspiração ou intuição súbita; lampejo.

³² Comumente: com frequência, na maioria das vezes; habitualmente.

³³ Entusiasta é o que ou quem se entusiasma; que ou o que é intensamente ou exageradamente dedicado a algo.

³⁴ Alegórica é referente á alegoria, que envolve ou contém alegoria. Alegoria: modo de expressão ou interpretação que consiste em representar pensamentos, ideias, qualidades sob forma figurada.

³⁵ Cadenciados é que tem cadência; cadencioso, compassado; em ritmo lento, pausado. Cadência: encadeamento; sucessão regular de sons ou movimentos; ritmo, compasso.

³⁶ Austero: de caráter severo, o qual se refere na rigidez das opiniões, dos hábitos, no rigor consigo mesmo e com os outros.

³⁷ Teocracia é um sistema de governo em que o poder político se encontra fundamentado no poder religioso, pela encarnação da divindade no governante, como no Egito os faraós, ou por sua escolha direta, como nas monarquias absolutas; o Estado que tem essa forma de governo.

³⁸ Estro é entusiasmo artístico, riqueza de criação, gênio criador.

³⁹ Épico: referente à epopeia e aos heróis. Digno de figurar em uma epopeia.

⁴⁰ Verbo extasiar: causar ou cair em êxtase; causar ou manifestar admiração profunda; maravilhar (-se).

⁴¹ Beldade é a qualidade do que é belo; beleza.

⁴² Píndaro é um poeta grego (c520-420a.c).

⁴³ Verbo arrebatado: levar com violência ou de súbito, arrancar; carregar pelos ares; atrair ou sentir-se atraído; encantar-se.

⁴⁴ Fisionomias é um conjunto de traços do rosto humano; feição, semblante; expressão singular desses traços; aspecto particular, próprio de.

⁴⁵ Aclimatizar-se é adaptar-se, habituar-se.

⁴⁶ Galileu Galilei foi um astrônomo que, ao ser processado pela Santa Inquisição por negar a física aristotélica e afirmar que a Terra gira em torno do Sol, à simples visão dos instrumentos de tortura, abjura publicamente. Essa atitude, considerada covarde por muitos, permite que Galileu finalize seus estudos e escritos, comprovando suas teorias e legando-as às futuras gerações.

⁴⁷ Abjurar é renunciar pública e/ou solenemente a (crença religiosa), abandonar a religião que antes professava, renegar (crença, convicção, princípio moral etc.) em que antes acreditava.

⁴⁸ Inquisição é averiguação metódica e rigorosa; inquirição. Tribunal eclesiástico instituído pela Igreja Católica no começo do século XIII com o fito de investigar e julgar sumariamente pretensos hereges e feiticeiros, acusados de crimes contra a fé católica.

⁴⁹ Fanático: o que se acredita inspirado pelo espírito divino, por uma divindade; iluminado. Que tem zelo excessivo pela religião, intolerante; que se mostra excessivamente entusiástico, exaltado de uma devoção quase sempre cega, apreciador, apaixonado.

⁵⁰ Errôneas é algo que contém erro; que não condiz com a verdade; que anda sem destino, que se perde, que comete erros.

⁵¹ Verbo emanar: vir de, ter origem em; espalhar-se em partículas; soltar-se, exalar-se.

⁵² Verbo grassar: multiplicar-se por reprodução; propagar-se, espalhar-se.

⁵³ Verbo apelar: recorrer de sentença por apelação; interpor recurso; invocar auxílio, proteção de (alguém ou algo) a fim de resolver um problema; pedir, recorrer.

⁵⁴ Sofisma é argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa. Mentira ou ato praticado de má-fé para enganar.

⁵⁵ Mister é o estado ou condição do que necessita de (algo); necessidade, precisão, exigência; ser preciso, ser indispensável.

⁵⁶ Areópago é o tribunal de justiça ou conselho, célebre pela honestidade e retidão no juízo, que funcionava a céu aberto no outeiro de Marte, antiga Atenas, desempenhando papel importante em política e assuntos religiosos.

⁵⁷ Verbo brandir: empunhar (arma) erguendo-a, em preparo ao disparo ou arremetida (atitude de investir com fúria ou ímpeto).

⁵⁸ Áticos que é relativo à Ática (região da Grécia onde se localiza Atenas), ou o que é seu natural ou habitante.

⁵⁹ Enervação é o ato ou efeito de enervar (-se); perda das forças (físicas, morais, mentais); enervamento; enervância.

⁶⁰ Nímias é o que superabunda, demasiado, sobejo.

⁶¹ Corisco é faísca elétrica da atmosfera, acompanhada ou não de trovão; raio.

⁶² Altivos é algo ou alguém de grande altura; elevado; dotado de brio, de dignidade; ilustre.

⁶³ Despotismo é o poder isolado, arbitrário, absoluto de um déspota; forma de governo baseada nesse poder; qualquer manifestação de autoridade tendendo à tirania e à opressão.

⁶⁴ Filólogos são estudioso ou conhecedor de filologia; filologista; letrado; douto; erudito.

⁶⁵ Insolente é algo que acontece raras vezes; nunca visto; insólito, incomum; desrespeitoso no que diz ou nas atitudes que toma; atrevido, malcriado, desaforado.

⁶⁶ Adula é elogiar em excesso, de modo servil; bajular, lisonjear.

⁶⁷ Forja é armadilha para capturar caça graúda; forje, fossa; oficina onde se trabalham os metais; estar em preparação, quase pronto.

⁶⁸ Turco é natural ou habitante da Turquia.

⁶⁹ Bávaro é relativo à Baviera ou o que é seu natural ou habitantes; designação da região da Bavária e de seus habitantes.

⁷⁰ Covil é a cova habitada por animais ferozes; toca.

⁷¹ Corsários: navio que faz o curso; comandante de tal navio; navio que promove pirataria; indivíduo cheio de artimanhas; brejeiro, malandro.

⁷² Obumbrado: que se obumbrou; obscurecido, sombreado, anuviado.

⁷³ Braças é uma antiga medida (ainda em uso no Brasil), com variações de país para país, equivale à extensão que vai de um punho ao outro, ou da extremidade de uma mão aberta à outra; medida de comprimento anglo-saxônica equivalente a 2 jardas (1,829 m).

⁷⁴ Assaz é suficientemente, bastante; em alto grau; muito.

⁷⁵ Pugnar é travar combate (por); bater-se; tomar a defesa de.

⁷⁶ Grécia: parte insular e continental da costa oriental do mar Egeu, povoada pelos gregos no I milênio a. C.

⁷⁷ Atenas: cidade mais importante da Grécia, após essa ter derrotado os persas. Centro da cultura helenística.

⁷⁸ Faculdades: bens, posses, riquezas. faculdade: possibilidade física ou moral; capacidade, habilidade".

⁷⁹ Roma "um dos principais Estados da Antiguidade, surgiu no sec.VIII a.C da reunião de varias aldeias latinas e sabinas. Se tornou a capital de um imenso império".

⁸⁰ Covil "Cova de feras. Refúgio de ladrões, salteadores".

⁸¹ Salteadores "Que ou quem salteia; assaltante."

⁸² Helênicos "concernente a Grécia antiga, (Hélade) ou a seu natural ou habitante.

⁸³ Aclimatizar" aclimatar" "Habituar-(se) a um clima. Harmonizar-(se) ou integrar-(se) a (ambiente ou condições)".

⁸⁴ Espraiar "Derramar-(se) pela praia ou pelas margens. Fig. Espalhar-(se) por varias direções".

⁸⁵ Cartago "Antiga cidade do Norte da África. Fundada por colonos fenícios vindos de Tiro. Foi destruída no ano de 146 a.C. por Cipião Emiliano. Novamente fundada em I a.C. como colônia romana".

⁸⁶ Ática "península da Grécia, onde se situa Atenas".

⁸⁷ Cícero (106-43 a.C.) "político e orador romano".

⁸⁸ Déspotas "diz-se de um governante que exerce autoridade arbitrária e absoluta".

⁸⁹ Zeno "Zenão de Eléia 490 e 485-? 430 a.C. filósofo grego da escola de eleata. Discípulo de Parmênides. Propôs paradoxos para estabelecer a impossibilidade do movimento e, a partir daí, a unidade do Ser".

⁹⁰ Século de Augusto "período em que governou o imperador romano Augusto, sobrinho neto de Júlio Cesar. Que organizou uma sociedade fundamentada no retorno às tradições antigas".

⁹¹ esdouro "ato ou resultado de desdourar-(se)(fazer perder a cor dourada. Fig. Fazer perder o brilho ou o mérito)fig. Descrédito, deslustre, desonra".

⁹² Avilte "derivada de aviltar (desonrar, tornar vil)".

⁹³ Opróbro "desonra pública. Ação, gesto ou que avilta; afronta injúria".

⁹⁴ Tácito (?c. 55-?c.120) "historiador latino. Enquanto desenvolvia sua carreira política escreveu algumas obras, que o consagraram dentro da prosa latina, pelo estilo expressivo, denso e conciso".

⁹⁵ Lisonja "elogio dirigido a alguém. Adulação, bajulação exagerada e geralmente por interesse".

⁹⁶ Judeia "província do sul da Palestina na época greco-romana".

⁹⁷ Constantino "imperador romano. Sua vitória contra Maxêncio em Roma, levou ao estabelecimento de um império cristão. Foi ele que criou Constantinopla, uma nova Roma. Presidiu o primeiro grande concílio ecumênico da igreja cristã. Sob seu reinado, o Império constituiu-se em uma monarquia de direito divino, centralizada, apoiando-se em uma sociedade muito hierarquizada".

⁹⁸ Aviltantes "que avilta, que desonra, que humilha".

⁹⁹ Aristocracia "forma de governo baseada em privilégio de uma classe social nobre que detém o monopólio do poder, geralmente por herança".

¹⁰⁰ Vileza "qualidade ou comportamento do que é vil; baixeza, indignidade, mesquinhez".

¹⁰¹ Adulações "lisonja servil; bajulação".

¹⁰² Ignomínia "grande desonra; opróbro, infâmia. Dito, ato, conduta que humilha, envergonha. Degradação".

¹⁰³ Abjeção "atitude ou condição de baixeza, aviltamento, degradação".

¹⁰⁴ Abjurando "abjurar jurar contra(crença religiosa). Renegar(convicção, princípio moral).fig. voltar atrás de, desdizer".

¹⁰⁵ solapada "solapado que foi abalado na base; escavado, minado. Que se encontra oculto, disfarçado, encoberto".

¹⁰⁶ Pressagia "pressagiar anunciar por presságios; agourar; Anunciar (fato futuro) com base em indícios ou na intuição".

¹⁰⁷ Pináculo "a parte mais elevada de um edifício. Na arquitetura gótica, remate piramidal, de forma pontiaguda. Fig. O ponto mais alto, auge".

¹⁰⁸ Barbaridade ação de bárbaro; crueldade. Condição de povo sem civilização.

¹⁰⁹ Maomé "profeta do Islã".

¹¹⁰ Carlos Magno ou Carlos I o Grande, "rei dos francos e dos lombardos, imperador do Ocidente, da dinastia carolíngia".

¹¹¹ Epopeia "longa narrativa poética de aventuras bélicas e nobres e personagens heroicos. Conjunto de poemas que formam a tradição épica de um povo. Fig. Ação realizada com dificuldades e sofrimentos".

¹¹² Circunscrita "limitado por uma linha. Cujos limites matérias são bem demarcados; localizado".

¹¹³ Burgadas "relativo a burgo" "na Idade Média fortaleza ou sítio fortificado, usados para abrigar populações que viviam fora de suas muralhas, em caso de ataques. Castelo fortificado usado para mesma função. Aldeia ou vila formadas pelas habitações construídas em torno desses núcleos".

¹¹⁴ Furores "furor cólera extrema. Agitação violenta de ânimo".

¹¹⁵ Escolástica "filosofia cristã que se ensinava nas escolas e universidades da Idade Média e que formou uma tradição filosófica que permanece até hoje. Ensino das artes liberais nas escolas monacais da Idade Média".

¹¹⁶ São Bernardo 1090-1153 "doutor da igreja. Pregador da II Cruzada foi conselheiro de reis e de papas. Canonizado em 1173".

¹¹⁷ São Crisóstomo "João Crisóstomo (1815-1888) padre da Igreja grega. Bispo de Constantinopla, dito Crisóstomo ("boca de ouro"), pela eloquência. Seu rigor e zelo reformador levaram-no ao exílio, onde morreu".

¹¹⁸ São Gregório "Roma (540-604). Embaixador do papa em Constantinopla (579-585), foi eleito papa por aclamação do clero e do povo romano. Reformou a liturgia e empreendeu a evangelização da Inglaterra. Os seus comentários do Livro de Jó foram um dos alicerces da moral e cultura cristãs da Idade Média".

¹¹⁹ "Foi emir de Córdoba entre 756 e 788, fundador do emirado omíada de Córdoba e de uma dinastia muçulmana que governou grande parte da Ibéria durante quase três séculos."

¹²⁰ "É uma cidade espanhola situada a sudoeste da Península Ibérica e a capital da província homônima, na Comunidade Autónoma da Andaluzia."

¹²¹ "É uma cidade e município espanhol, capital da homônima e da comarca da Veiga de Granada."

¹²² "É uma província da Espanha e uma das oito províncias que compõe a comunidade autónoma da Andaluzia. Sua capital é Córdoba, cidade antiquíssima, onde se encontra uma famosa catedral."

¹²³ Ato ou efeito de galantear; galanteio, galantaria.

¹²⁴ MÚS instrumento de cordas dedilhadas de origem árabe, com larga difusão na Europa da Idade Média ao Barroco.

¹²⁵ LIT MÚS, na Idade Média, aquele que compunha e, por vezes, cantava composições poéticas, esp. Líricas.

¹²⁶ Completo, perfeito, pleno: deu seu cabal consentimento.

¹²⁷ Poeta italiano e autor da famosa obra chama *A Divina Comédia*.

¹²⁸ Poeta renascentista italiano do século XV.

¹²⁹ Poeta italiano que escrevia a agonia do universo de beleza criado pelo sensualismo dionisíaco do Renascimento, já então corroído pela reação contra-reformista.

¹³⁰ Segundo a antiga mitologia grega, era o Monte Parnaso uma das residências do deus Apolo e de suas nove musas.

¹³¹ O Monte Olimpo (2.917 m) é o ponto mais alto da Grécia e considerado como a morada dos deuses para os antigos gregos.

¹³² Derramar-se, estender-se; alastrar-se, expandir-se, propagar-se.

¹³³ Grande alegria, contentamento incontido.

¹³⁴ Os anacoretas eram monges cristãos ou eremitas que viveram em retiro, solitariamente, especialmente nos primórdios do cristianismo, dedicando-se à oração e à produção de textos litúrgicos, a fim de alcançar um estado de graça e pureza de alma pela contemplação.

¹³⁵ Um dos primeiros escritores românticos da França. *Mémoires d'outre-tombe* (1841), foi considerada sua maior obra. Parcela de sua obra literária também foi importante por descrever os costumes exóticos da América e dos índios, inclusive influenciando os romancistas indigenistas brasileiros.

¹³⁶ Foi um dos fundadores da República Brasileira e abolicionista. Além de um importante influenciador do pensamento positivista no exército brasileiro, sendo um grande defensor dos ideais republicanos.

¹³⁷ "Poeta e político francês foi um dos introdutores da estética romântica em França. O lirismo lamartiniano caracteriza-se pela sentimentalidade e pela melancolia".

¹³⁸ Foi um novelista, poeta, dramaturgo, ensaísta, estadista e ativista pelos direitos humanos de grande atuação política francesa. Autor de grandes obras, dentre elas "Os miseráveis" e "O Corcunda de Notre Dame".

¹³⁹ Poeta e romancista italiano, famoso por sua ficção romântica *I promessi sposi* (Os Noivos, 1825-1827), obra que continha um forte apelo patriótico, ao qual a Itália do seu tempo era particularmente sensível, e que é considerada um dos melhores exemplares do romance histórico no século XIX.

¹⁴⁰ Escritor e compositor romântico italiano; autor de uma obra romântica misturada a sentimentos patrióticos e de luta pela liberdade.

¹⁴¹ Foi poeta, dramaturgo, filósofo e historiador alemão. Sua obra pioneira foi *Die Räuber* (Os assaltantes), escrita em 1777.

¹⁴² BYRON, Lord (George Gordon) 1788-1824, poeta inglês. Seus poemas discorrem sobre a dificuldade de viver ou exaltam heróis rebeldes. A sua morte, em meio aos rebeldes gregos que lutavam pela independência, transformou-o no protótipo do herói e do escritor romântico.

¹⁴³ "Poeta, romancista e editor escocês do século XVIII."

¹⁴⁴ Poeta, dramaturgo, romancista e ensaísta alemão século XVIII.

¹⁴⁵ Escritor inglês de obras como: *Ismael: An Oriental Tale, with Other Poems* (1820) *Delmour; or, A Tale of a Sylphid, and Other Poems* (1823) e *Rupert de Lindsay* (1825).

¹⁴⁶ Escritor norte-americano do início do século XIX. Uma de suas mais conhecidas obras é *O Último dos Moicanos*.

¹⁴⁷ Francisco Martínez de La Rosa 1787-1862, político e escritor espanhol, autor de dramas românticos (*A conjuração de Veneza*).

¹⁴⁸ "Escritor do século XIX considerado como o introdutor do Romantismo em Portugal".

¹⁴⁹ Circunstância ou conjuntura daquele que precisa de alguma coisa ou tem necessidade de algo.

¹⁵⁰ Primeiro e único Barão e Visconde do Araguaia. Foi médico, professor, diplomata, político, poeta e ensaísta brasileiro.

¹⁵¹ Circunstância ou conjuntura daquele que precisa de alguma coisa ou tem necessidade de algo.

¹⁵² Manuel Maria Barbosa du Bocage foi poeta português e, possivelmente, o maior representante do arcadismo lusitano.

- ¹⁵² Filinto Elísio foi poeta e tradutor português do Neoclassicismo.
- ¹⁵³ Tomaz António Gonzaga poeta natural da cidade de Porto.
- ¹⁵⁴ Colocar antolhos, enxergar de maneira limitada pelos antolhos, ver somente o que está à frente.
- ¹⁵⁵ Capacidade de expressar-se com facilidade. Arte de persuadir pelo discurso. Expressividade convincente pela fisionomia e pelos gestos.
- ¹⁵⁶ Termo usado para os seguidores de Jacques-Bénggne Bossuet.
- ¹⁵⁷ Termo usado para os seguidores de Matinho Lutero.
- ¹⁵⁸ Termo usado para os seguidores de Timo Hildebrand.
- ¹⁵⁹ Termo usado para os seguidores do Padre António Vieira.
- ¹⁶⁰ Frei Francisco do Monte foi um frade franciscano e teólogo brasileiro. É reconhecido por ser orador e pregador oficial do Império do Brasil. Ocupou vários cargos honoríficos, tendo sempre gozado de prestígio junto ao Clero e à Corte Imperial.
- ¹⁶¹ Andrew Gray, primeiro Lord Gray, foi um escocês nobre, político e diplomata.
- ¹⁶² Daniel O'Connell foi um líder nacionalista irlandês da primeira metade do século XIX.
- ¹⁶³ Robert Peel foi o Primeiro Ministro da Inglaterra.
- ¹⁶⁴ Pierre Paul Royer-Collard foi um francês estadista e filósofo. Foi o líder do Grupo Doctrinaires durante a Revolução de Bourbon.
- ¹⁶⁵ François Pierre Guillaume Guizot foi um político francês.
- ¹⁶⁶ Antonie Pierre Berryer foi um advogado francês e orador parlamentar.
- ¹⁶⁷ John Charles Spencer, 3º Conde Spencer, conhecido durante o tempo de vida de seu pai como Visconde Althorp, foi um estadista inglês.
- ¹⁶⁸ Francis Bacon, 1º. Visconde de Alban, também referido como Bacon de Verulâmio. Foi um político, filósofo e ensaísta inglês Barão de e visconde de Saint Alban. É considerado como o fundador da ciência moderna.
- ¹⁶⁹ David Hume foi um filósofo, historiador e ensaísta escocês que se tornou célebre por seu empirismo radical e seu ceticismo filosófico.
- ¹⁷⁰ François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire foi um escritor, ensaísta, deísta e filósofo iluminista francês.
- ¹⁷¹ Atitude ou doutrina que nega a possibilidade de alcançar a certeza num dado domínio de conhecimento ou em relação á verdade em geral.
- ¹⁷² Nicolas Malebranche foi um filósofo francês.
- ¹⁷³ Thomaz Reid e Dugal Stewrar fundaram o sistema da Escola Escocesa de Senso Comum.
- ¹⁷⁴ Immanuel Kant fundou o sistema da Escola Alemã.
- ¹⁷⁵ Victor Cousin foi um filósofo, político, reformador educacional e historiador francês.
- ¹⁷⁶ Atitude dos filósofos que pretendem elaborar doutrina própria, fundido num todo, que desejam ser coerente, o que se lhes afigura mais valioso de entre as teses de diversos sistemas.
- ¹⁷⁷ Étienne Bonnot de Condillac foi um filósofo francês. Recebeu as ordens e tornou-se abade de Mureaux, mas sem exercer as funções eclesiásticas, preferindo a vida literária.
- ¹⁷⁸ Nicolau Maquiavel foi um historiador, poeta, diplomata e músico italiano do Renascimento.
- ¹⁷⁹ Charles-Louis de Secondat, barão de La Brède e de Montesquieu, conhecido como Montesquieu, foi um político, filósofo e escritor francês.
- ¹⁸⁰ Edward Gibbon foi um historiador inglês que se expressou no espírito do iluminismo.
- ¹⁸¹ Jean Charles Léonard de Sismondi cujo nome verdadeiro era Simonde, foi um escritor nascido em Genebra.
- ¹⁸² Giambattista Vico ou Giovan Battista Vico foi um filósofo italiano.
- ¹⁸³ Johann Gottfried von Herder foi um filósofo e escritor alemão.
- ¹⁸⁴ Georg Wilhelm Friedrich Hegel foi um filósofo alemão.
- ¹⁸⁵ Reinhold Niebuhr foi um teólogo estadunidense.
- ¹⁸⁶ 1. Em Grau elevado; muito. 2. Suficientemente, bastante
- ¹⁸⁷ Afronta vergonhosa, injúria. 2. Vexame, vergonha. 3. Desonra. 4. Abjeção, Ignomínia. 5. Desprezo.

REFERÊNCIAS

ACTON INSTITUTE, Para o estudo da religião e liberdade. Disponível em: <<http://pt.acton.org/historical/james-fenimore-cooper-1789-1851>> Acesso em: 24 nov 2013

A História e Biografia de Ludovico Ariosto. Disponível em: <<http://www.ahistoria.com.br/biografia-de-ludovico-ariosto-resumo/>> Acesso em: 25 nov 2013

ALVES, Susana M. **José e Asent:** Uma Criação Peculiar da Literatura Antiga. Universidade de Lisboa, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/522/1/18017_ULFL059254_TM.pdf > Acessado em: 23 de nov. 2013

BIOGRAFIAS, **Abderram I.** Disponível em: <<http://pt.infobiografias.com/biografia/11045/Abderram?n-I.html>.> Acesso em: 23 nov 2013

BRASIL ESCOLA, **Biografias.** Disponível em: <<http://www.brasile scola.com/biografia/>> Acesso em: 23 nov 2013

DEC, Universidade Federal de Campina Grande, Biografias. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias> > Acesso em: 23 nov 2013

DICIONÁRIO CRIATIVO, **Anacoretas** Disponível em: <<http://dicionariocriativo.com.br/busca/anacoreta>> Acesso em: 23 nov 2013

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO LAROUSSE.-São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Dicio. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 22 out 2013

E- BIOGRAFIAS, Goethe. Disponível em: <<http://www.e-biografias.net/goethe/>> Acesso em: 23 de nov. 2013

HOUAISS, Antônio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-). Dicionário Houaiss da língua portuguesa, elaborado pelo Instituto de Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INFOPÉDIA, Biografias. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$alessandro-manzoni](http://www.infopedia.pt/$alessandro-manzoni)> Acesso em: 23 nov 2013

INFOESCOLA, **Biografias.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/>>

Acesso em: 23 nov 2013

ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em 25 nov. 2013.

LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos.** São Paulo: Paulus, 1993.

Dossiê Especial - Volume I - Número 1 - Pato Branco - 2014

SUA PESQUISA, **Cidades.** Disponível em:
<<http://www.suapesquisa.com/paises/espanha/granada.htm>> Acesso em: 23 nov 2013

TEMPLO DE APOLO, Mitologia Disponível em:
<http://www.mitologia.templodeapolo.net/seres_ver.asp?cod_ser=48&value=Musas&mit=Mitologia%20Grega&esp=Divindade> Acesso em: 23 nov 2013

UOL Educação Biografias. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/>> Acesso em: 23 nov 2013

UOL Educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/>> Acesso em: 22 nov 2013

